

“Calmos numa época de tempestade”: o sonho americano e o propósito nacional dos Estados Unidos

GRACIELLA FABRÍCIO DA SILVA*

O final da era Eisenhower se caracterizou por um balanço sobre as transformações por que passara os Estados Unidos, os desafios enfrentados pelo país e os objetivos atingidos durante esse período. A julgar pela visão oferecida por determinados setores da imprensa, o saldo foi positivo. Ao final do seu governo, os Estados Unidos nunca estiveram tão prósperos. Parecia que, finalmente, o país se encaminhava para a concretização do sonho americano. Embora alguns setores julgassem que reformas ainda fossem necessárias, a economia apresentava índices de crescimento satisfatórios, avanços tecnológicos foram realizados e a classe média deleitava-se com a grande quantidade de produtos à sua disposição.

No entanto, alguns problemas se manifestavam. No fim de seu mandato, Eisenhower teve que lidar com os problemas relacionados à segregação racial, sobretudo no sul do país, e com os desafios impostos pela disputa com a União Soviética, em função da Guerra Fria. Uma série de eventos criava a sensação entre os americanos de que os Estados Unidos estavam desvantagem na luta contra o comunismo. Além disso, a própria prosperidade da sociedade americana gerava uma percepção de perda dos valores essenciais que norteavam a vida americana. O materialismo e o individualismo faziam com que alguns intelectuais julgassem que os ideais de democracia e liberdade comuns estavam sendo postos de lado pelos cidadãos americanos que saíam em busca de um consumo desenfreado de todos os bens que a sociedade americana conseguia produzir, tanto em termos materiais como em termos culturais. Dessa forma, a massificação da cultura através do cinema, da televisão e do rádio teria permitido que os americanos saíssem em busca de uma diversão infinita, relegando a segundo plano as suas responsabilidades enquanto cidadãos com a comunidade e o país. Por conta disso, em determinados meios intelectuais surgiu a preocupação de que o sentido de missão a que os Estados Unidos desde a sua fundação havia sido perdido na moderna sociedade de consumo americana. Em um momento

* Mestranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

crucial na disputa pela manutenção do “mundo livre”, era urgente redefinir – ou recuperar – esse espírito missionário. As eleições presidenciais de 1960 se apresentavam, então, como o momento ideal para chamar intelectuais, políticos e cidadãos em geral para refletir e se reunir em torno de um ideal comum que fortalecesse o espírito nacional americano.

Entre maio e junho de 1960, a revista *Life* publicou uma série de artigos escritos por pensadores de diferentes áreas com a finalidade de discutir o “propósito nacional” da América. De um modo geral, a maioria dos textos apontava a moderna sociedade de consumo americana como um dos fatores responsáveis para a perda do sentido de missão que maracava a história americana. Ironicamente, esses textos vinham ao lado das propagandas que demonstravam o sonho de consumo do americano médio – incluindo carros, geladeiras, máquinas fotográficas, bebidas, cigarros, cinema, etc. Tamanha afluência e disponibilidade de bens materiais parecia ter deixado a América sem alma.

Diante desse quadro, críticas surgiram entre os meios intelectuais americanos, tanto à esquerda quanto à direita. Porém, ao contrário dos *beats*, os críticos de inclinação ideológica mais à direita preocupavam-se em reforçar os valores considerados fundamentais à manutenção da força dos Estados Unidos, interna e externamente.

Os anos 1950: um breve balanço sobre a década

A década de 1950 foi, para os Estados Unidos, uma época de prosperidade e de relativa estabilidade. Após os anos de crise, iniciados com a Grande Depressão dos anos 1930, o país manteve o ritmo de crescimento econômico que havia começado já durante a Segunda Guerra Mundial. Em parte impulsionados pela disputa com a União Soviética, a era atômica gerou avanços tecnológicos importantes que chegaram ao dia-a-dia de milhares de cidadãos americanos e que elevaram a produção industrial a patamares históricos. Geladeiras, carros, máquinas fotográficas estavam presentes na casa da maioria dos americanos. O cinema, o rádio e a televisão ajudaram na massificação da cultura e os novos ídolos do *rock'n'roll* e da indústria cinematográfica

influenciavam os jovens dos diferentes estados do país. A família reunida em torno da televisão se tornava uma imagem cada vez mais comum.

As cidades americanas também se transformavam, com a classe média ocupando os seus subúrbios, suas casas recheadas com os produtos da moderna sociedade de consumo. Enquanto isso, os centros urbanos ficavam relegados à população das classes sociais mais baixas que tinham que lidar com o desconforto e a violência.

Ao final da década, a administração Eisenhower, que, ao longo de seus dois mandatos, foi responsável pela condução dos Estados Unidos durante esses prósperos anos, teve que lidar com uma série de problemas. Em primeiro lugar, o movimento pelos direitos civis ganhava força, uma vez que a segregação racial no sul do país havia atingido seu limite e gerado tensões cada vez mais graves entre brancos e negros em função da integração destes últimos. Além disso, a Revolução Cubana e seu posterior desenvolvimento – com a nacionalização de diversas empresas americanas, o discurso antiamericano e a gradual aproximação à União Soviética – tornou a América Latina alvo de preocupação do governo americano, que temia a perda de sua tradicional área de influência para o comunismo soviético. Uma série de fatos relacionados à Guerra Fria levou ao surgimento de dúvidas tanto entre o americano comum quanto entre algumas de suas lideranças e formadores de opinião quanto ao prestígio estadunidense na disputa com a União Soviética. Entre eles, podemos citar o abatimento do avião de espionagem U-2 em solo soviético, a já citada radicalização da Revolução Cubana e a ocorrência manifestações estudantis antiamericanas no Japão.

Para alguns intelectuais, a semelhança entre a situação dos Estados Unidos ao final dos anos 1950 e o período entreguerras era claro. Assim como nos anos 1920, o final da década de 1950 se caracterizava por uma época de euforia consumista, em que tudo parecia tranquilo e os americanos não tinham nenhuma outra preocupação a não ser consumir. Nos anos 1920 e 1930, esse comportamento teve consequências danosas para o mundo, pois a ausência de uma política externa mais ofensiva por parte dos Estados Unidos tornou possível a ascensão de regimes totalitários que levaram o mundo ao maior conflito armado da história. No final dos '50s, as consequências poderiam ser semelhantes diante de um mundo hostil, em que, para alguns críticos, os Estados Unidos apresentavam uma política externa defensiva e possuíam cidadãos que não possuíam outra preocupação além de ir às compras. Para impedir que se repetissem as mesmas

graves consequências que semelhante comportamento gerou em outro momento, era necessário que o país mudasse sua postura diante da Guerra Fria e, ao invés de simplesmente conter o comunismo, derrotasse-o de vez. Mas, para isso, não bastariam esforços apenas por parte do governo e das lideranças políticas do país. Também era necessário que o americano comum tornasse a valorizar os ideais que originaram o pacto de fundação do país.

O ano de 1960 representava, então, um momento decisivo na história americana. Era o momento dos Estados Unidos definissem claramente os rumos a serem seguidos nos próximos quatro anos. Era também o momento dos cidadãos americanos se unirem e reconciliarem os seus objetivos e realizações individuais com os de seu país.

Definindo o propósito nacional da América

A série produzida por *Life* foi motivada pela constatação feita pelo renomado colunista Walter Lippmann de que o público americano do final da década de 1950 não possuía grandes propósitos em torno dos quais eles estariam unidos para alcançar. Os americanos, afirmava Lippmann, acreditavam viver em uma sociedade completa, que tinha realizados os seus propósitos e não possuía mais nenhum grande negócio a realizar. Os cidadãos americanos adotaram uma postura defensiva, disposta mais a manter e conservar do que a avançar e criar. O objetivo da série, então, seria o de promover um debate entre o público para definir o que os americanos enquanto cidadãos e enquanto nação desejavam e esperavam alcançar.

John K. Jessup, chefe editorial da revista, assinalou os motivos pelos quais era importante os americanos refletirem sobre os rumos que o seu país deveria tomar, principalmente em um momento tão importante quanto as eleições presidenciais daquele ano. Segundo Kessup, Lippmann não era o único a apontar para o “vácuo de propósito” da América. Americanos anônimos e personalidades importantes, como o próprio presidente Dwight D. Eisenhower, também questionavam o sonho americano. Citado por Kessup, escrevera William Faulkner anos antes: “O que aconteceu com o sonho Americano? Nós cochilamos e ele nos abandonou. E naquele vácuo agora não mais soam as fortes e altas vozes... falando na unificação da mesma esperança e vontade.”¹

¹ “What happened to the American dream? We dozed, and it abandoned us. And in that vacuum now

Em segundo lugar, os Estados Unidos sempre foi um país associado a grandes propósitos. Estando aqueles propósitos ausentes, o país já não era mais o que fora um dia. E complementa: “Não há uma conexão entre a ascensão das nações e grandes propósitos, entre a perda de propósitos e seu declínio? Um Estados Unidos sem propósitos [...] pode ser um Estados Unidos em declínio.”

Por fim, em um momento histórico em que o comunismo era considerado uma ameaça bastante presente aos valores americanos, não só os americanos, mas todo o mundo necessitava de uma América com propósitos fortes e bem definidos. Na ausência de uma liderança ativa dos Estados Unidos, a humanidade poderia recorrer a qualquer outro país para realizar seus grandes negócios – inclusive a União Soviética.

O conceito de “religião civil” trabalhado por Robert Bellah² pode ser utilizado para explicar essa reunião de diversos intelectuais a fim de (re)definir e recuperar o sentido de missão americano. O termo é utilizado para se referir à importância do compartilhamento de determinados valores e princípios morais entre os membros da sociedade a fim de manter a coesão, o pacto social que mantém uma coletividade coesa. E isso pode ser demonstrado já no artigo inicial da série escrito por Kessup. A tentativa de resgatar a missão americana leva à busca pelo propósito inicial expresso nos principais documentos que remontam à fundação do país: a Constituição (“foco de reverência patriótica”), a Declaração de Direitos e à Declaração de Independência – além das inúmeras referências aos pais fundadores, fosse através de textos ou de imagens. As ideias contidas nesses documentos teriam norteado a consolidação de uma união civil que duraria por séculos e a sua validade no final dos anos 1950 era proclamada por todos os autores que participaram do debate. Na verdade, aquele era o momento ideal para resgatá-las, uma vez que consideradas essenciais ao fortalecimento de um espírito nacional – e internacional – comum contra o comunismo. O papel de cada cidadão americano enquanto indivíduo não era menos importante e era visto como fundamental para a manutenção do propósito nacional e do pacto nacional em torno de

there sound no longer the strong loud voices...speaking in mutual unification of one hope and will.” O texto original de Faulkner, chamado “On privacy”, data de julho de 1955 e foi publicado na *Harper's Magazine*.

² BELLAH, Robert. *The broken covenant: American civil religion in the time of trial*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1975.

princípios comuns que assegurariam a sobrevivência dos Estados Unidos enquanto nação.

Qual seria, então, o propósito nacional da América em um mundo em que sua influência internacional era sentida em diferentes lugares sob as mais variadas formas e que também tinha que enfrentar um inimigo igualmente poderoso como a União Soviética? Claramente percebe-se pela leitura dos artigos que a definição da missão americana nesse novo contexto não se limitava somente aos objetivos e responsabilidades dos Estados Unidos com os habitantes de seu território. Na verdade, o destino dos Estados Unidos estava atado ao destino da humanidade como um todo. De sua sobrevivência e de sua vitória na Guerra Fria dependeria o futuro do mundo. A maioria dos autores participantes da série destacou o papel norte-americano na defesa da democracia e da liberdade. Para o historiador Clinton Rossiter, o comprometimento entre o propósito nacional americano e o mundo era tão imperativo que afirmou que o senso de propósito nacional americano era também, no fundo, um propósito internacional, fosse ele bom ou ruim em sua influência sobre o mundo. Para ele, na ausência de qualquer desejo de influenciar o mundo, a busca por um senso de propósito nacional se tornaria uma futilidade.

De um modo geral, todos os autores afirmaram que os Estados Unidos não estavam sofrendo de uma carência, ou uma perda, de seus propósitos. Nas palavras de David Sarnoff, presidente da Radio Corporation of America (RCA), o problema não era que os velhos propósitos tinham se tornado irrelevantes, pelo contrário, eles haviam se tornado muito relevantes, uma vez que a América não poderia mais servir passivamente de exemplo para outros países. Esse tempo ficou no passado e, no final dos '50s, qualquer declaração de princípios pelos Estados Unidos deveria ser seguida de ações que os implementassem, tal como faziam os russos.

Mas, como afirmara o poeta Archibald Macleish, o problema não era só os russos. O problema era algo mais profundo, relacionado ao modo como os americanos percebiam e relacionavam-se entre si mesmos e com o seu país. Havia algo errado com os americanos, e eles sabiam disso.

[...] Nós superamos a época adolescente quando tudo o que estava errado com a América era culpa dos russos e tudo o que nós precisávamos fazer para sermos salvos era fechar o Departamento de Estado e manter os comunistas

fora dos filmes. Não são apenas os russos agora: somos nós mesmos. É a forma como nos sentimos em relação a nós mesmos como americanos. Nós sentimos que perdemos nosso caminho na floresta, que não sabemos para onde vamos – se vamos para algum lugar. (MACLEISH, 1960: 86).

Dito de outra maneira, o problema dizia respeito à própria identidade americana, que parecia ter sido alterada pela abundância à disposição da sociedade. Além de benefícios materiais imediatos, essa abundância trazia consigo seu lado negativo. A grande preocupação de intelectuais e políticos girava em torno de um individualismo exarcebado e do conformismo político que levavam ao esquecimento dos valores e ideias fundamentais que garantiam a preservação dos vínculos sociais e colocava em risco a manutenção do pacto social que gerava a coesão em torno dos propósitos nacionais.

Alguns autores, como Adlai Stevenson e o próprio MacLeish, afirmavam que a América não carecia de um propósito. Na verdade ele existia e fora definido há muito, quando da fundação do país e estava expresso nos seus principais documentos e nas palavras de seus pais fundadores. O que deveria haver era uma identificação entre os objetivos individuais e os objetivos nacionais, sem que, para isso, os indivíduos tivessem que submeter as suas próprias metas aos propósitos dos Estados Unidos – em outras palavras, sem que fosse necessário diluir as fronteiras entre o privado e o público. Um e outro deveriam ser complementares, a fim de mutuamente se fortalecerem na procura da felicidade. O problema, segundo Stevenson, era que estava havendo um descompasso entre “a opulência privada e a miséria pública.” E isso se tornava especialmente danoso em uma época em que o mundo precisava de um bom exemplo a ser seguido de garantia das liberdades fundamentais do indivíduo em ambas as esferas.

[...] A face que nós apresentamos para o mundo – especialmente através de nossa mídia de circulação de massa – é a face do indivíduo ou da família como uma unidade de alto consumo com responsabilidades sociais mínimas – pai alegremente bebendo sua cerveja favorita, mãe distraidamente acariciando macias peças de roupa recém enxaguadas em um novo sabão em pó maravilhoso, as crianças alegremente pedindo da churrasqueira um famoso molho para sua carne.

Não há dúvidas de que as pessoas do mundo inteiro querem e pretendem ter mais disso. Mas isso não é tudo o que querem, e elas têm que procurar muito

para encontrar a imagem de equilíbrio dos propósitos mais amplos da América e saber que alto consumo privado não é nosso último objetivo de vida, nem nossa resposta para todos os males e desordens do homem em uma época de extraordinária mudança social. Pois todas essas boas ‘coisas’ não resolvem os problemas de decadência urbana e congestionamento. Atrás da brilhante criança no anúncio espreita o delinquente juvenil na favela. Nem consumo garante o alto consumo às crianças da América os professores ou escolas que deveriam ser seu direito de nascimento. Ele não faz nada para acabar com a vergonha da discriminação racial. Não faz nada para conter o exorbitante custo de manutenção da saúde, nem conserva as preciosas reservas de terra e água e deserto da nação. (STEVENSON, 1960:94)

E questiona: “Com o supermercado como nosso templo e o comercial como nossa ladainha, nós estamos prontos para contagiar o mundo com uma visão irrestível dos exaltados propósitos e inspirador estilo de vida da América?”

Billy Graham também apontava o consumo de massas como uma das causas da suposta perda de vigor dos ideais que nortearam a fundação dos Estados Unidos e, mais do que MacLeish e Stevenson, coloca no indivíduo a responsabilidade pela recuperação da força daqueles ideais. Mais do que os pais fundadores e os desbravadores da fronteira (outro elemento do imaginário americano evocado com frequência), cada indivíduo que fazia parte da sociedade americana tinha à sua frente grandes desafios a superar.

Uma contradição, no entanto, subjaz às análises: o indivíduo é, ao mesmo tempo, a causa e a solução para a situação de conformismo e falta de interesse pelas questões maiores que dizem respeito aos desafios enfrentados pelos Estados Unidos. O desafio era encontrar um equilíbrio entre os anseios individuais e os imperativos para a manutenção da comunidade. O espírito comunitário não deveria excluir os objetivos de cada indivíduo. Cada um, em seu dia-a-dia, deveria procurar a excelência no exercício de suas atividades para fortalecer a nação americana de modo a garantir que ela atingisse objetivos cada vez maiores e mantivesse a posição de destaque que os Estados Unidos tinham no mundo. Desse modo, contribuiriam também para o fortalecimento do país na luta contra a ameaça à restrição da liberdade imposta pelo regime soviético e também para “tornar o mundo salvo para a democracia”.

Conclusão

Liberdade, democracia e igualdade seriam, então, os elementos norteadores da missão – ou propósito – dos Estados Unidos no mundo. Não eram ideias novas, é verdade, mas ainda mais importantes diante do tamanho das responsabilidades e dos desafios impostos ao país na nova ordem internacional surgidas após 1945.

O “sonho americano” não se restringiria somente ao consumo dos diversos bens materiais disponíveis nos supermercados e lojas de departamento. Esse era um sonho que transcendia as questões materiais e dizia respeito à humanidade como um todo. Esse era um sonho que pertencia não somente aos Estados Unidos, mas a toda a humanidade.

Porém, como disse um dos comentaristas participantes do debate sobre o propósito nacional, os Estados Unidos, apesar de seus problemas internos, poderia ser uma sociedade completa, mas o mundo ainda não o era. Os Estados Unidos, com todo o seu aparato político, econômico e militar, não deveria poupar esforços para tornar o mundo livre da tirania – dessa vez, encarnada pelo comunismo soviético. Esta era uma função a ser exercida não somente pelo governo americano ou pelas principais lideranças políticas e intelectuais do país, mas por cada cidadão americano individualmente. Não era necessário abandonar seus sonhos de consumo das novidades automobilísticas, eletrodomésticos e roupas que inspiradas no que vestiam os atores e as atrizes hollywoodianas. Nem mesmo era preciso deixar o lazer de lado; podiam continuar indo ao cinema e os jovens podiam continuar ouvindo o seu *rock'n'roll* (embora também houvesse críticas à cultura da era da televisão). Deveriam, porém, deixar o excesso de individualismo gerado pela moderna sociedade de consumo de lado e valorizar os grandes ideais que deram origem à nação americana.

A abundância gerada pela economia americana na década de 1950 foi responsabilizada por observadores da sociedade americana como a responsável pelo esvaziamento de um senso comunitário, de comprometimento público com os princípios presentes nos Estados Unidos em sua fundação. Segundo esses críticos, esse consumo exacerbado, e o individualismo dele decorrente, tornou os americanos mais preocupados consigo mesmos e com seu lazer, fazendo com que abandonassem os grandes ideais americanos. Não que as melhorias geradas pelo avanço tecnológico fossem algo absolutamente ruim. Elas eram importantes, uma vez que permitiram a melhoria das

condições de vida de parcela significativa da sociedade americana e contribuíram significativamente para o crescimento da atividade econômica do país. Mas, ao mesmo tempo em que fortalecia os Estados Unidos, permitindo gerar cada vez mais recursos, gerou uma sensação de esvaziamento da missão americana – o que era considerado bastante prejudicial, principalmente em um momento em que a vantagem americana parecia em baixa na sua luta contra o comunismo. A tranquilidade manifesta especialmente pela classe média americana não condizia com os mares tempestuosos que os Estados Unidos deveriam atravessar para manter viva e estender a bandeira da liberdade a toda à humanidade.

Ao permanecerem no estado de prazer infinito e conformismo político, o americano comum, ao invés de contribuir para fortalecer os propósitos em torno dos quais o seu país fundava tanto a sua política interna como a sua política externa, colaboravam para alcançar objetivos medíocres e sem grande alcance, afirmavam os críticos. Ao findar os “anos dourados” da era Eisenhower, cabia aos americanos comuns, em seu dia-a-dia, em suas atividades cotidianas, reforçar os valores fundamentais da sociedade americana, a fim de tornar o país mais forte na sua cruzada contra a tirania comunista, que amaeçava a sobrevivência do sonho americano: sonho de progressos materiais e de liberdade que deveria ser estendido aos quatro cantos do planeta. O inimigo dava sinais de força; ameaçava e parecia estar à frente dos Estados Unidos em uma série de setores. Os Estados Unidos precisavam reagir e mostrar a sua força. E o momento para isso estava à sua frente: as eleições presidenciais de 1960 eram o momento crucial para unir os americanos em torno dessa missão e definir, de uma vez por todas, o que os Estados Unidos (e, por que não, o mundo) deveriam ser nos próximos anos – talvez até na próxima década.

Bibliografia

BELLAH, Robert. *The broken covenant: American civil religion in the time of trial*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1975.

BRINKLEY, Alan. *The Publisher: Henry Luce and his American Century*. New York: Alfred A. Knopf, 2010.

LINDOP, Edmund; DECAPUA, Sarah. *America in the 1950s*. Minneapolis: Twenty-First Century Groups/Lerner Publishing Group, 2010.

OLSON, James S. *Historical dictionary of the 1950s*. Westport: Greenwood Press, 2000.